

# ESCRITA E REVISÃO

Um minitratado para a paz  
na academia e na arte

Adriano Barreto Espíndola Santos<sup>1</sup>

## RESUMO

Este ensaio tem o propósito de mostrar, a partir de uma perspectiva pessoal, de seu autor, as tramas e as relações, que podem ser complexas e frutíferas, no campo da escrita e da revisão de textos literários. Primeiro, avalia-se a porção supostamente intocável da obra de arte; se ela poderia, por alguma razão, receber ajustes pelas mãos de um preparador de textos – considerando-se o trabalho de grandes artistas, como Anton Tchekhov. Noutro momento, faz-se um apanhado da experiência vivida por este autor, sobre o autor-revisor e a necessidade de submeter a obra à apreciação de um terceiro qualificado, o revisor, para a composição e a harmonia do trabalho. Apura-se, depois, o tema da colaboração entre escritor e revisor, faculdades e competências do exercício da revisão de textos literários, e de que maneira podem se completar para o aperfeiçoamento do que se pretende, o resultado: a obra de arte. Por fim, para resolver o problema proposto, apresentam-se ponderações e métodos para a compatibilização de interesses; para que a relação autor-revisor ocorra sem desgastes, com orientações para a boa medida do toque.

**Palavras-chave:** Arte. Escrita. Revisão. Texto literário.

---

1 Escritor. Advogado humanista. Mestre em Direito pela Universidade de Coimbra – Portugal. Especialista em Escrita Literária pelo Centro Universitário Farias Brito – FBUi, em Revisão de Textos pela PUC-Minas e em Direitos Humanos, Responsabilidade Social e Cidadania Global pela PUC-RS.

## ABSTRACT

This essay aims to show, from the author's personal perspective, the plots and relationships, which can be complex and fruitful, in the field of writing and reviewing literary texts. First, the supposedly untouchable portion of the artwork is evaluated; if it could, for some reason, be adjusted by the hands of a copywriter – considering the work of great artists, such as Anton Chekhov. In another moment, there is an overview of the experience lived by this author, about the author-reviewer and the need to submit the work to the appreciation of a qualified third party, the reviewer, for the composition and harmony of the work. Then, the topic of collaboration between writer and reviewer, faculties and competences of the exercise of reviewing literary texts is investigated, and how they can be completed to improve what is intended, the result: the work of art. Finally, to solve the proposed problem, considerations and methods for the compatibility of interests are presented; so that the author-reviewer relationship occurs without strain, with guidelines for the good measure of the touch.

**Keywords:** Art. Writing. Revision. Literary text.

Quem ousaria confrontar a arte? Quem teria a audácia de dizer que os traços de Picasso estão fora de esquadro (ainda que o sejam, por bem)?<sup>2</sup> Pois falar de arte tem a ver com a perspectiva

---

2 Uma reflexão sobre a arte e o estilo: “Essa foi mais uma das grandes libertações da época atual. Você não é uma entidade ancorada no tempo. Você lê, vê filmes, vai ao teatro, escreve, reflete sobre o seu próprio trabalho literário e, é claro, sua vida pessoal muda; se tudo isso muda, por que não aconteceria o mesmo com seu estilo? O que o impede? Considere as artes plásticas, considere, por exemplo, Pablo Picasso, que tem diversos períodos estéticos: fase azul, fase rosa, fase africana, fase cubista, classicista, surrealista. E isso não desmerece em nada a sua obra; ao contrário, essa peculiaridade é elogiada pelos conhecedores. No âmbito literário, na poesia, pensemos num Fernando Pessoa, que faz a delícia dos leitores com seus heterônimos: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, cada qual com a sua identidade”. (BRASIL, 2019, p. 334).

do estranhamento e do imponderável; algo que ofusca a retina e expande o cérebro, sem nem se perceber<sup>34</sup>.

Há autores que refutam a submissão de seus textos às mãos profanas de um revisor, como é o caso de Saramago, que o fez notar por meio do personagem Raimundo Silva, em a “História do cerco de Lisboa”, com o acréscimo do termo “não” no texto revisado, distorcendo um fato histórico e quebrando a aliança tácita entre autor e revisor<sup>5</sup>. Vê-se que uma vírgula movida ou retirada, que seja, seria capaz de soterrar as letras num limbo intransponível.

---

3 “Em *A arte como procedimento*, V. Chklovski diferencia o discurso poético do prosaico, através do estabelecimento das disparidades entre os objetivos e imagens criadas por cada um desses discursos. O autor esclarece que, durante anos (e talvez ainda hoje), houve uma tentativa de generalização e aproximação das finalidades desses dois meios de expressão que, somente quando tratados nos limites de suas peculiaridades, podem ser efetivamente compreendidos. Ao tratar as diferenças entre a língua prosaica e a língua poética, o ensaio apresenta dois processos que são a chave para a compreensão e distinção das funções das imagens por elas criadas: os processos de automatização e singularização. Assim, por meio dos exemplos citados, consegue-se perceber que, para Chklovski, a imagem do discurso cotidiano é facilitadora e procura encurtar o caminho da percepção, enquanto, **na poesia, a imagem é provocadora, procura estender ao máximo a percepção e acaba por criar um discurso efetivamente instigante e, por isso, elaborado**”. (COSTA, 2012, *on-line*, grifo nosso).

4 “Chklóvski achava que a busca pelo insólito, pelo não familiar durante o processo de criação seria capaz de libertar o espectador da letargia mental, realizando assim a tão almejada comunicação estética. Segundo ele, a função inicial da arte seria a de causar esse tipo estranhamento perceptivo no fruidor. Pensado por esse ângulo, o estranhamento artístico seria, por definição, exatamente o oposto de alienação; algo que deveria orientar o artista criador durante seu trabalho”. (VAZ, 2014, p. 45).

5 “Raimundo Silva, o célebre personagem de Saramago de *História do cerco de Lisboa*, tornou-se símbolo de traição do revisor textual ao deliberadamente colocar um ‘não’ no texto do autor, mudando o sentido da frase sobre um episódio fundamental da história de Portugal (a ajuda dos cruzados aos portugueses para tomar Lisboa dos mouros)”. (SPALDING; BOENAVIDES, 2017, p. 115).

Não se poderia correr o risco de macular o que faz parte de um organismo vivo, a obra literária? Ainda que se perceba que a verve é uma efervescência da alma, é pretensão para deuses o inatingível – e se crê que, apesar de porção divina que há em nós, não seria o caso do endeusamento do artista.

É possível que Leonardo da Vinci, quando acabava uma obra para a morada dos homens, tenha pensado, muitas vezes, em abandoná-la, queimá-la, ou, quiçá, num momento de desespero, engoli-la, para que retornasse ao labirinto de que veio.

Stephen King, o escritor das mil expressões do terror, abandonou a sua primeira obra na lata de um lixo, quando foi surpreendido por sua esposa, que a resgatou e insistiu que havia, sim, um conteúdo legítimo para existir como tal. Ao enviá-la a uma pequena editora, o livro foi recebido e publicado, dando azo a uma carreira de sucesso<sup>6</sup>.

O escritor autossuficiente pode ser um sujeito em uma ilha desabitada, que não percebe as críticas por não as receber, pois que blindado inclusive pelo *alter ego* – e desgarrado da alteridade. Pode ser um ente excêntrico, que acredita que a obra tem o seu ponto final, portanto, acabada – quando se tem o juízo que uma prosa curta pode ou deve, em alguns casos, se tornar

---

6 “Embora escrevesse como um obcecado, os originais dos livros jaziam no fundo de gavetas. Desde que se formara, o escritor não conseguira publicar um único romance. Num dia especialmente difícil, King jogou os originais de ‘Carrie’ no lixo, de onde foram resgatados pela sua mulher, que conseguiu convencê-lo a tentar mais uma vez. Poucas semanas depois, King resolveu encaminhá-los para uma pequena editora. O livro foi aceito”. (FOLHA, 2001, *on-line*).

uma novela ou um romance.

A arte é um sobrestar infinito do que está por vir.

O autor, depois de muito tempo, ao ler uma crítica, pode se dar conta de que inconscientemente deu brechas para o voo do leitor, por uma via não imaginada; ou mesmo, por força de alguma inconsistência, resolve moldar novos contornos à narrativa, que levará ao lançamento de outra edição inacabada.

Assim sendo, o presente ensaio tem a pretensão de apresentar um conjunto de hipóteses para resolver o problema da compatibilização de interesses no tempo presente e transitório – no tempo da dúvida formulada –<sup>7</sup>; da complementaridade das funções, de autor e revisor, no âmbito da obra literária.

## 1 O COMEÇO DA DÚVIDA

Pensando em grandes contistas, como Anton Tchekhov ou mesmo Rubem Fonseca, é perfeitamente cabível a inquietação quanto à necessidade ou não de se mexer em matérias tão

---

7 “O ensaio não se situa fora do tempo, mas no tempo e, além disso, num tempo consciente de sua fugacidade, de sua caducidade, de sua finitude, de sua contingência. O ensaio também é, mesmo que de outra forma, palavra no tempo, pensamento no tempo. Poderíamos dizer que o ensaísta pensa e escreve sabendo-se mortal, sabendo que tanto suas palavras como suas ideias são mortais e que, talvez por isso, estão vivas. O ensaísta sabe que nasceu e que morrerá. Sabe que tudo o que é, suas palavras e suas ideias, seu modo de se relacionar com o mundo, com os outros e consigo mesmo, tem um começo e um fim. Só pode pensar a si mesmo a partir dessa origem e desse fim, no tempo que vai desde o seu nascimento até a sua morte, no tempo que lhe tocou viver, no tempo que lhe tocou pensar, no tempo que lhe tocou escrever”. (LARROSA, 2004, p. 33 e 34).

sublimes. Será que estes foram capazes de confiar os seus escritos a um “aventureiro” revisor, que poderia desvirtuar os rumos das prosas? Será que, ao ganharem tantos prêmios e serem aclamados como extraordinários escritores, subiram ao Olimpo e abdicaram das filigranas gramaticais?

A questão é espinhosa, justamente porque os supracitados autores se tornaram excepcionais no que faziam. Para uma alma fundamentalista, é penoso supor que se apoiaram em braços humanos.

No livro que recolhe trechos de conversas do autor Anton Tchekhov, “Sem trama e sem final”, da Editora Martins, vê-se que o referido escritor é dadivoso em seus conselhos a outros escritores e até em receber orientações de seu editor, Aleksei Suvórin<sup>8</sup>. Não era grande afronta a recepção, por ele, de ideias positivas, que poderiam ser acrescidas ao seu arquivo literário – ainda que vastíssimo, apesar da idade; o que de fato não gera relação de causa e efeito; são só elucubrações de um acadêmico e escritor, o autor deste ensaio.

A verdade é que a preparação de textos literários tem ganhado força no mercado editorial. Há cursos em portais especializados, na internet, que orientam o olhar daquele ou daquela que pretende ser um agregador de recursos linguísticos.

---

<sup>8</sup> “Minha alma está repleta de preguiça e do sentimento de liberdade. É o sangue que ferve à chegada da primavera. Mesmo assim, cuido dos negócios. Estou preparando os materiais para um terceiro livrinho. Corto sem dó. Curioso, agora ando com mania de coisas curtas. Tudo o que leio, seja meu ou de outrem, parece que nunca é curto o suficiente”. (TCHÉKHOV, 1889, p. 43-44).

Entende-se, a partir destas primeiras reflexões, que o revisor não pode ser o bastião da gramática normativa, que, a ferro e fogo, privilegie o convencional e repila a inovação. O revisor tem de estar vinculado aos movimentos constantes da língua viva, escrita e falada – é a razão de ser do próprio texto, o discurso.

Ao revisor compete alcançar as potencialidades, o que pode ser útil para ligar, dar brilho; jamais diminuir. O seu múnus não é susceptível a melindres. É ele vetor para o melhoramento, e muito mais.

## **2 SOB A ÓTICA DO ESCRITOR**

Nos idos de 2015 admiti, no íntimo, que gostaria de ser escritor. Paralelamente, escrevia com gosto petições e artigos científicos em domínio jurídico. Seguindo as influências de meu pai, pude perceber a afinidade com as letras; mas na fase descrita ganhou ares de sublimação.

Ocorria, também – como ocorre hoje –, de ser procurado para corrigir trabalhos de amigas e amigos, e colegas de escrita. O apuro ultrapassava o campo da revisão de textos, motivo pelo qual alguns diziam que o seu material revisado possuía certos contornos poéticos. Então, convenci-me de que seria profícuo assumir a literatura como paixão e trabalho.

A língua tornou-se mais fluida quando dei as mãos, e o coração, à literatura. Entrei, naturalmente, no campo das

expectações. Nada me é proibido, na literatura. A liberdade, uma pretensão da utopia dos homens, arde em meu peito nos atos da leitura e da escrita. Confundo-me com um sonhador ou um ser digno de merecer a vida em plenitude.

E, nesse instante, penso que reúno as condições para escrever uma obra literária e revisar os meus escritos. Para um romance, a título de referência, o último que escrevi, “Em mim, a clausura e o motim”, revisei-o mais de dez vezes: primeiro, um período de reescrita, para achar cada palavra adequada ao contexto; depois, a captura dos sentidos, para saber se o que eu dizia era mesmo o que havia pensado para tal; noutros, enxertava e revisava capítulos, em suas minúcias; e, por fim, confiante no trabalho do revisor da editora e de um profissional contratado por mim, excluía ou ajustava trechos da narrativa.

Na humilde percepção de escritor, a palavra ou o conjunto de palavras são o símbolo da liberdade; não podem estar agarradas ao texto como algo pertencente ao artista e, por conseguinte, ao panteão dos deuses. A humanidade é a própria fragilidade, que pode comungar com o texto. O erro é intrínseco ao homem, por mais genial que seja.

A referência não faz do artista melhor ou pior; ao contrário, desnuda a condição de se entender incompleto e falível. E nada tem a ver com a humildade, mas, sim, com a capacidade de ser menor que sua obra, de saber que ela pode ser esculpida por suas mãos sob a tutoria e o olhar de um imparcial.

Obviamente que o revisor tem a sua função limitada; não pode inundar o texto de modificações travestidas de conselhos. Não pode eliminar um trecho que achou confuso, porque o seu arcabouço histórico não o detectou. E não tem o poder de interferir na condução do trabalho, mudando o sentido, por sua exclusiva vontade.

Um preparador de texto literário tem de se inteirar das particularidades da obra. É dizer que, se o autor usa recursos regionais, seja em diálogos, seja no corpo da narrativa, o revisor tem de saber a boa medida para não desmanchar as pretensões do autor.

Não raro acontece de se inserirem neologismos. Há revisores que podem se incomodar com o fato de ferir-se a norma padrão. Não é o caso. Se a língua é movimento e vida, e, por impulso de acomodação, abarca o que é contemporâneo, não se deve pensar em modificação ou eliminação pura e simples.

E o que dizer do livro “Grande sertão: veredas”, de João Guimarães Rosa? A novidade é um traço inconfundível da obra e, logicamente, não foi por acaso. É uma obra aclamada justamente pela escolha do autor em preservar um modo de falar que se aproxima ao sertanejo, para a captação pelo leitor do estranhamento<sup>9</sup>.

---

9 “Nota-se aqui uma estreita relação entre as poéticas; tanto Rosa como Chklóvski defendem a permanente ‘apreensão’ perceptiva do leitor, por meio de uma particular configuração linguística da obra. A forma literária funciona como uma espécie de dispositivo (operador) de leitura que gera constantes choques perceptivos e retém seu fruidor em suas malhas. Esses efeitos de estranhamento (para estreitar as

### 3 O LABOR DO PREPARADOR E REVISOR DE TEXTOS LITERÁRIOS

O trabalho do revisor de texto literário é tão minucioso quanto achar uma agulha no palheiro. Se o profissional está engajado e consegue apreender a alma da pedra a ser lapidada, é muito provável que o autor acredite na colaboração do trabalho.

A experiência deve ser considerada para o perfil desse profissional. E se o revisor, apesar de vivido, nunca exerceu esse tipo de trabalho? Quando se fala de experiência, faz-se um paralelo ao conhecimento literário do revisor, e não que se tenha anos na função em uma grande editora; pondera-se sobre a memória de leitura do revisor e das memórias que consegue apanhar dos textos, que são a conjugação de informações, percepções sociais, históricas, culturais etc., a partir do texto revisado<sup>10</sup>. Ademais, a

---

similaridades, vale observar que Rosa também usa o termo ‘estranhar’ na passagem acima) eram, para ambos, o principal meio para chegar a uma comunicação estética eficiente”. (VAZ, 2014, p. 44).

10 “Refletir sobre o trabalho do revisor de texto literário nos remete à discussão sobre o trabalho da memória na medida em que a tarefa desse revisor configura-se como um exercício de memória de outras leituras. Trata-se, na verdade, de um investimento na memória do próprio texto, isto é, na mnemônica textual. Durante sua leitura, o revisor depara informações, alusões, citações diversas, visíveis ou sutis, que acionam sua memória, seu arquivo pessoal de leitura. Ocorre que os intertextos podem também guardar equívocos de diversas ordens. O revisor perceberá o equívoco porque a leitura atenta proporcionou um encontro entre a sua memória e a memória do texto, tornando possível o apontamento do deslize cometido pelo escritor. Este é o caso, por exemplo, do que ocorre quando se percebe, sem necessidade de consulta, o deslize no uso de datas”. (PERPÉTUA; GUIMARÃES, 2010, p. 198-199).

memória está fundada em fatos que formam o discurso – o texto é um discurso vivo, pulsante; e o revisor, o intérprete dos pulsos<sup>11</sup>.

O autor confia a sua obra às mãos do preparador de texto literário esperando que este descubra, também, algum furo na história, e não só para corrigi-la na perspectiva da norma padrão. Ora, o preparador, por estar adequadamente distante do texto, tem o poder de pinçar alguma incoerência.

Com as memórias de leituras, o preparador poderá indicar uma nova direção para o enredo. Não que esta seja a sua suma atividade; mas, para aquecer a verve do escritor, suscita imagens e encadeamentos diferentes e inusitados.

#### 4 SOBRE O ESCRITOR-REVISOR E VICE-VERSA

Tem-se a impressão, *grosso modo*, de que o escritor tarimbado é aquele que já tem as ferramentas para a preparação do seu texto, sem a ajuda de um terceiro. Isso, hoje, reflete muito

---

11 “Na perspectiva dessa relação *dado/fato*, quando afirmo que um texto não é um documento, mas um discurso, estou produzindo algo mais fundamental: estou instalando na consideração dos elementos submetidos à análise — no movimento contínuo entre descrição e interpretação — a memória. Em outras palavras, os *dados* não têm memória, são os *fatos* que nos conduzem à memória linguística. Nos fatos, temos a historicidade. Observar os fatos de linguagem vem a ser considerá-los em sua historicidade, enquanto eles representam um lugar de entrada na memória da linguagem, sua sistematicidade, seu modo de funcionamento. Em suma, olharmos o *texto* como *fato*, e não como um *dado*, é observarmos como ele, enquanto *objeto simbólico*, funciona”. (ORLANDI, 1995, p. 115).

pouco a realidade; os escritores desejam, sim, ser ajudados.

Mesmo com a minha pouca vivência, tenho recebido textos de escritores maduros. Vê-se que a maioria dos profissionais da escrita se sente mais seguro quando tem a avaliação de seus pares; não só, também de profissionais experimentados<sup>12</sup>. Daí me pergunto: já que escrevo, teria o potencial para alertar um companheiro sobre algum desvio ou inconsistência? Não que o escritor tenha as mãos puras para tocar no texto de um colega; no entanto, há a compreensão de que o escritor auxiliado passa pelos mesmos dilemas por que passo; abarca a extensão dos meus problemas de escrita.

O revisor não precisa ser alguém com experiência em publicação de obras – como se isso fosse um período probatório que o profissional deva transpor. A questão é abranger o seu elevado múnus de guardador de memórias de leitura e de textos e de saber oferecer, na medida correta, estratégias para a composição de um dado trabalho; entregar ao autor um material ardente de ideias.

---

12 “Podemos dizer, então, de dois mundos ou duas margens na edição do texto literário: o das poucas e concentradas editoras grandes, em que podem atuar preparadores e editores de texto, além de revisores, tantas vezes mais de um profissional por texto; e o das editoras pequenas, maioria no país, começo e meio de tudo para grande parte dos/as autores/as e aspirantes, responsáveis pela renovação, pela oxigenação, pela coragem dos livros literários que renovam a paisagem artística, em que os textos podem não passar sequer por um/a revisor/a. É comum entre os/as escritores/as que peçam a um/a colega interlocutor/a para revisar, o que pode ser fatalmente uma leitura crítica, mais que uma revisão de língua”. (RIBEIRO, 2021, p. 155).

O revisor de texto literário é, igualmente, criador da obra – é algo que se deve acatar, sem ego ou ciúme. Ele não tem o cérebro estanque para a novidade<sup>13</sup>.

Pessoalmente, conto com o trabalho do revisor Felipe Crisafulli, que me acompanha desde que tive a intenção de publicar. Nossas afinidades têm a ver com as memórias que nos completam, e ele captura o que se denomina como o estilo do autor<sup>14</sup>. Meu revisor é da cidade do Rio de Janeiro, e eu sou de Fortaleza, Ceará. Temos costumes distintos, sobretudo pela distância que nos separa. Quando escrevi um conto e o entreguei para a sua revisão, soube que não usam naquela cidade o termo “bolacha” para se referir ao que empregamos no Ceará, indistintamente, por biscoito ou bolacha – algumas designações se dão por influência do próprio fabricante do produto, que qualifica, por exemplo, a “bolacha de água e sal”. E a dita narrativa era ambientada no Rio de Janeiro. Para atender à verossimilhança, devidamente esclarecido, tive de modificar os nomes de “bolacha” para “biscoito”. Mas,

---

13 Por sermos humanos: “Sem a capacidade de criar ficção, os neandertais não conseguiam cooperar efetivamente em grande número nem adaptar seu ambiente social para responder aos desafios em rápida transformação”. (HARARI, 2019, p. 43).

14 “Outro aspecto da memória do texto é o que se refere às escolhas recorrentes do escritor – a que se chama comumente de estilo. Para caracterizar o estilo de um escritor podemos considerar a sua criação pessoal em todo domínio da língua: Conforme nos aponta Domicio Proença Filho (1978), analisar um texto à luz da estilística é observar aspectos da seleção vocabular, aspectos ligados à sintaxe, aspectos semânticos. A partir disso pode-se dizer que o revisor, ao entrar em contato com o texto de um escritor, vai passar a perceber quais recursos o escritor utiliza e arquivar em sua memória de leitura o que seria o estilo do escritor que passa a conhecer”. (PERPÉTUA e GUIMARÃES, 2010, p. 200).

se a voz fosse de um nordestino recém-chegado ao Rio, seria legítimo usar o substantivo bolacha, ou até variar para biscoito, já que, na maioria das vezes, a referência ao biscoito tem a ver com “recheado”<sup>15</sup>.

Não fosse a atenção do revisor, este autor cairia em “erro”, pois, não tendo residido naquela terra, não inferiria a informação – a não ser que se debruçasse em buscas pela internet, para locupletar a sua memória. Calha, aí, o encontro de enunciados de gêneros primário e secundário, baseando em Bakhtin (apud COSTA, 2006, p. 2), em conexões com o cotidiano e com as vozes do texto, que são distintas por natureza – oralidade e escrita –, e que se conciliam para a produção da prosa<sup>16</sup>.

Acentue-se que o revisor não tocou no texto com a intenção de modificá-lo; por si só não fez as alterações que achava pertinente; resolveu consultar o autor antes de se precipitar –

---

15 “Dizer que a revisão de textos é estilística significa dizer que abarca os processos de manipulação da linguagem que permitem ao falante ou ao escritor sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio das palavras, além de estabelecer princípios capazes de explicar as escolhas do uso da língua feitas por indivíduos e grupos sociais”. (GUEDES, 2013, p. 4).

16 “Temos, então, o que Bakhtin chama de enunciado de gênero secundário que constitui uma ação em si mesmo e vai ser compreendido pelas (co)referências entre os enunciados dentro do próprio texto que deve ter sua própria rede de indicações coesas e coerentes. Um gênero primário – a conversação – se transforma em um secundário – o diálogo entre personagens ou a entrevista. Nesse processo de transformação, o secundário traz características do primário, acrescenta novas características da nova esfera discursiva em que circula e se realiza como um novo gênero. Há semelhanças, sim, entre eles, mas são gêneros diferentes. Não podemos estabelecer claramente as fronteiras entre eles, contudo, por suas características individuais, constituem-se um objeto sempre único, resultado de transformações históricossociais”. (COSTA, 2006, p. 2).

quem sabe se o autor não teria a vontade de deixar como estava, no intuito de declarar, subentendido, que o narrador morou no nordeste brasileiro.

O revisor não é coautor, tampouco é mero espectador ou fiscal de normas. É mais que isso, um parceiro qualificado.

## 5 FACULDADES E COMPETÊNCIAS

O profissional de texto literário, felizmente, tem sido visto como um facilitador, alguém que pode ensejar a produção de um texto original, crível; consistente e coerente.

Menciona-se a didática do revisor, pois tem de assimilar e elaborar os desafios que o escritor deve superar. Saber lidar com um conto e com o seu criador pode não ser fácil, mas deve haver o reconhecimento de uma produção enxuta e cheia de significados.

É importante que o escritor não se apegue demasiadamente ao texto. O livro, como muitos falam, é um filho – na concepção de uma gestação e de um parto; pode ser duro e penoso. Mas não chega a tanto, a divinização. Longe de ser um aglomerado de palavras, o livro é carregado de afeto, empatia, sobretudo de fatos; a condução das palavras é o escopo para a culminância dos desejos intrínsecos. Mas o apego sem propósito pode abalar a obra e o autor. Se o escritor acha que não há ninguém que possa contribuir para a constituição de sua obra, poderá incorrer em decepção, e enganar-se, irremediavelmente.

É salutar que se possam abrir extensões que exponham os fios condutores da armação. Na minha curta existência artística, ainda sobre o livro “Em mim, a clausura e motim”, a obra ganhou muito com a ajuda de companheiras e companheiros de escrita, especialmente do Coletivo de Escritoras e Escritores Delirantes, do qual participo, em Fortaleza. São pessoas que leem bastante e têm alguma – e importante – compreensão de revisão; com as suas memórias, deflagraram processos de expansão e de inquietação<sup>17</sup>.

O escritor, esse ser utópico, que, em muitos casos, se autoflagela com a disrupção dos sentidos, amparado pela criticidade do revisor – quiçá, menos sujeito aos delíquios de perfeição –, pode apanhar um globo de referências para o refinamento da obra.

O autor, às vezes cansado de tanto repisar o texto, pode se alhear da essência e não encontrar pontos divergentes. O revisor, nesse sentido, é um arrimo seguro, porque, dados o traquejo e a perícia, tem meios para tratar o texto com imparcialidade, com a distância devida para não se contaminar com vozes que não sejam as presentes na narrativa.

Esse mal, o apego, é um sentimento que acompanha o criador pela proximidade e por se dedicar horas a fio a um parágrafo, a uma palavra, que, em razão de não guardar a reserva necessária, pode se emaranhar numa teia passional. O que não

---

17 Antes mesmo, a primeira versão da obra foi submetida à defesa, como trabalho de término de curso, na Especialização em Escrita Literária, sob orientação do professor e escritor Cupertino Freitas, no Centro Universitário Farias Brito, em Fortaleza, Ceará, no ano de 2020.

condiz com o todo pode estar claro para o revisor e encoberto aos olhos calejados do autor.

O revisor, com o seu contato seletivo, pode irradiar conceitos e imagens, permitir que o autor repense o texto, para cooperar com o fim pretendido; nunca para invalidá-lo.

O autor pode ouvir críticas e as intuições de pessoas próximas, mas não se equipara em substância ao exercício do preparador, que sabe apreciar e reparar, com tato cirúrgico, o que está fora de esquadro, ou o que excede a composição<sup>18</sup>.

## 6 A MEDIDA DO TOQUE

O revisor é o ente que, em geral, aparece no estágio final da formação do texto; ele não idealiza e monta a história; não constrói escaletas; não distribui funções às personagens; não cria cenários; não dita as passagens do enredo, em regra; não escolhe as primeiras e melhores palavras, mas será o veículo para a confirmação do arranjo. Ele apontará os deslizes – gramaticais, estéticos, linguísticos ou de concatenação das ideias, por exemplo – e acenderá centelhas para novas acomodações.

---

18 “O revisor deve constituir-se num leitor atento, cujos conhecimentos sobre as dimensões indicadas acima são postos à prova todo o tempo; num texto literário, deverá ser capaz, por exemplo, de perceber incongruências na caracterização de um personagem e indicar ao autor; num texto acadêmico, de perceber aspectos que possam tornar a argumentação incoerente; em ambos os casos, na esfera ficcional e na não ficcional, é necessário que haja observância do princípio [sic] da coerência (linguística e temática)”. (BARROS, 2019, p. 137).

Ocorre que o escritor pode se prender, tempos e tempos, enclausurado em um trecho que não é interessante para a narrativa. Perder energia para o que não vale, ou tenha aspecto de aclarar o todo, é trabalho desperdiçado, inservível à literatura.

Há autores, como eu, que tentam manter a progressão num ritmo constante, e a conclusão aflora de maneira natural, seguindo o fluxo. *Aí*, o revisor pode levar o autor ao fechamento da narrativa, que, em certos casos, é pouco estimado.

O revisor não tem de pegar a mão do autor para juntos acharem a direção; não se trata de apadrinhamento. A maior responsabilidade e a ideação são próprias ao autor. E o papel do revisor não é secundário; é ato de fusão. A questão é que o autor pode vacilar por não discernir pontos desconexos, ou pode dar ênfase a algo ultrapassado.

O revisor, como bem assinalam Perpétua e Guimarães (2010, p. 198), tem vasta vivência com a literatura e, por isso, facilmente é aferido a ele o domínio da coerência e da coesão, pois que deve estar em distância segura, com a qual possa ver o texto de cima – ainda que se permita aos processos de imersão e emersão<sup>19</sup>.

---

19 “É por meio desse movimento constante de mergulho e emersão que o exercício de leitura proporcionará ao revisor equacionar os diversos graus de coerência interna e externa do texto. A leitura do revisor crítico, portanto, só é passível de se efetuar desse lugar sempre em movimento, nascendo do desconforto daí advindo a disposição de propor ajustes que incidam sobre os efeitos do texto”. (PERPÉTUA; GUIMARÃES, 2010, p. 198).

Chega-se ao tratamento da memória de leitura. Para compreender as coerências interna e externa do texto, o revisor se vale, por exemplo, de um inventário literário que lhe permite distinguir a verdade que se encontra sobre as correlações com fatos históricos, ou com outras obras. O revisor literário é o profissional com maior permeabilidade entre o texto a ser revisado e os que já se fixaram, reconhecidos pelo público, por meio de sua memória de leitura.

A mnemônica textual, ainda segundo Perpétua e Guimarães (2010, p. 198-199), é a técnica que permite ao revisor acessar a memória de suas leituras e, por meio dela, revelar as conexões técnicas e de narrativa que não respeitam a coerência. Há, desse modo, um intercâmbio permanente e imprescindível entre a memória do texto e a do revisor, para apontar, segundo as suas noções, o que não está de acordo com os fatos predefinidos.

Confirma-se que a função do revisor é colaborar para a melhor compreensão do texto, afastando aquilo que impede a fluidez e o nexos. É, pois, o profissional que indica os elementos que colidem e que atrapalham a naturalidade e a verossimilhança.

Ainda com menção à obra “Em mim, a clausura e o motim”, um romance ambientado no século XX, relatando as agruras do povo sertanejo e as seguidas secas; as gravidades do coronelismo e dos poderes político e econômico na região nordeste; o começo da perseguição pelo golpe de 1964, como autor afirmo que houve sérios estudos históricos, mas, mesmo com isso, o revisor

contratado e os leitores qualificados, do coletivo a que aludi, em fases muito específicas, aconselharam que não apontasse datas, contudo, deixando bem marcadas as ocasiões.

Destarte, cabe a proposição de que melhor estará o texto submetido a sucessivas revisões; e apto a se acomodar aos moldes literários, históricos e sociais se calhar de se render ao olhar crítico e apurado de um revisor literário, profissional.

## **7 A NECESSIDADE DO APURO E DA MEDIDA DO BOM FIM**

Perpétua e Guimarães (2010) entendem que o texto literário pode passar pelo processo de revisão, e é o percurso possível – e ideal – para que se chegue ao objetivo, o livro em si.

Pacificamente, entende-se que o exercício do revisor literário é fundamental. É a pessoa que tem preparação e interesse no fim almejado para a obra<sup>20</sup>; concorre para irmanar as habilidades inerentes ao autor e a porção prudente para não desvirtuar o estilo e as particularidades do fruto da produção.

---

20 “Tais entrevistas são pouco exploradas, mas servem para que as pesquisadoras cheguem à conclusão de que, sim, o/a revisor/a do texto literário lida com a “licença poética” e com questões de autoria que envolvem egos, estilos, intenções muito vivas e mesmo disputas simbólicas. Ao/a revisor/a caberia reconhecer ou identificar cada situação como caso único, sendo sensível ao nível de diálogo que precisa ter com autores e/ou editores, em cada processo de revisão, edição e publicação”. (RIBEIRO, 2021, p. 156).

Infere-se que o preparador literário é o mediador entre o autor e a obra. Sendo a obra o objeto do trabalho – ou o objeto de tantas aspirações –, pode-se esperar do mediador experto o controle pragmático das normas e conexões, como, se houver uma boa parceria, o fio que separa elementos externos, entre os quais, o ego e a vaidade.

Preconceitos podem cominar à figura do revisor a alcunha maldosa de sabotador ou ente metido a escritor, frustrado; pelo contrário, ante as suas grandes contribuições, a saber, estética, linguística, social e cultural, concebe-se que o revisor é sujeito ativo e comprometido com a consecução do trabalho, com as feições que o caracterizem como uma obra de arte<sup>21</sup>.

Para se abster das guerras sem sentido, o revisor tem de combinar a prevenção e o comedimento; interferir somente no indispensável, sempre com observações no original.

A pretexto de um domínio gramatical indefectível, ao revisor não cabe, por bom tom, “riscar” a arte, eliminando palavras e expressões porque não estão de acordo – esse é um juízo que se deve ter em conjunto: autor, revisor e editor; é preferível assim.

---

21 “Sabemos que o impacto de uma obra de arte sobre uma pessoa é imprevisível, e, em termos de experiência subjetiva, não se pode sequer antecipá-lo: é da natureza do impacto estético acontecer apenas no instante em que se instaura. Instante que, repetidas vezes acontecido, parecerá sempre inédito. Impacto imprevisível, instante de potência alquímica: a experiência com a arte, o encontro com a arte é insubstituível e incomensurável, ainda que dependa de certas medidas. Considerando especificamente a arte da literatura, é Borges quem nos diz que sua leitura (sua pró-ativa recepção) é também uma arte, *arte da distância e da escala*”. (REQUIÃO, 2013, p. 110-111).

Há casos, como o apontado por Ribeiro (2021, p. 161-162), em que a autora, mesmo diante de uma palavra que sofreu alteração por força do Novo Acordo Ortográfico, não aceita o ajuste da palavra “minissaia”, e o suplanta pelo modo usado por ela, porque, segundo justifica, acha feio o resultado do novo termo. Vê-se uma tarefa delicada, que, mantendo-se o estado original, o decidido pela autora, haverá consequências no trabalho do revisor.

Outro fato comum na oralidade do português brasileiro é iniciar uma frase com pronome oblíquo átono, como em “te amo” ou “lhe peço um favor”; é a naturalidade prosaica dos diálogos rápidos e informais. Cumpre atingir se o autor tem apego ao formalismo ou à comunicação que se faz pelos vínculos sociais. Não só atingir, ainda que haja costume no trato, mas apontar no objeto revisado tais extratos que não condizem com a norma culta, e se é desejo do autor a permanência no padrão da oralidade – veja-se que não se trata de erro.

Num texto literário adaptado ao cenário regional ou marginal, a prioridade está para a linguagem corriqueira, com as propriedades específicas de uma comunidade. Por vezes, o autor se dedica ao estudo de uma localidade, usando uma locução muito própria; aí o revisor deve ter o maior cuidado, atenção e perspicácia para não desaproveitar o trabalho do autor.

Obras como “O apanhador no campo de centeio”, de J. D. Salinger, e a contemporânea “Os supridores”, de José Falero, prescindem de requintes para se chegar ao resultado – e até pensa-

se que não seria imaginável a construção desses livros de outra forma; descaracterizá-los-ia. Carecem da linguagem do povo para cativar o leitor, para causar o estranhamento e o impacto do fascínio, ao contrário de obras antigas, como as de Machado de Assis, que, ainda que tendente a acompanhar a oralidade da época, a ele não seria permitido; não teria boa crítica ou aceitação se se aventurasse para além da ortografia e sintaxe vigentes.

São exemplos que remontam à obra prima de João Guimarães Rosa, em “Grande Sertão: Veredas”<sup>22</sup>. O trabalho do revisor deve ser muito mais aplicado à construção e à compreensão global do que à revisão ortográfica propriamente. Em uma palavra: o revisor, aí, tem a função de organizador do enredo, da coerência e da coesão.

Afirma-se que o trabalho do revisor de texto literário não se concebe pelo mero capricho de ditar o que é certo ou errado; o revisor, como relatam Perez e Boenavides (2017), tem o crucial papel de compatibilizar interesses, ou melhor, equilibrar e velar pelo enredo e pela verossimilhança<sup>23</sup>.

---

22 “Como é sabido, o escritor não apenas se valeu de vocábulos regionalistas e arcaizantes como também criou uma espécie de vocabulário privado, o que gerou sérias dificuldades aos seus tradutores. Como ilustração, vale mencionar, mesmo que brevemente, o livro *Léxico de Guimarães Rosa*, uma suma minuciosa que recobre todos os termos cunhados pelo ficcionista, organizado pela pesquisadora Nilce Sant’Anna Martins”. (VAZ, 2014, p. 45-46).

23 “A partir dessa visão, na revisão do texto literário, por exemplo, aspectos como verossimilhança e encadeamento narrativo, que extrapolam as questões textuais básicas, podem e devem ser observados pelo revisor. O revisor, assim, é visto como um leitor privilegiado, atento e qualificado, capaz de contribuir com o texto tanto na dimensão linguística quanto estrutural”. (PEREZ; BOENAVIDES, 2017, p. 118).

Um texto com escopo artístico demanda do revisor iniciativas que vão da agudeza, perspicácia, à qualificação e atualização constantes. Afora o apanhado da memória de leitura, que é de suma importância, o revisor tem de compreender o seu lugar na construção de um projeto que se quer em nível de arte. E o seu espaço é, para muitos escritores, o de um leitor qualificado e competente<sup>24</sup>.

## 8 O ESCOPO ESTRUTURAL DA REVISÃO

Com o rigor impregnado em editoras consolidadas, o escritor, desejoso de conseguir o seu intento, deve saber de antemão que o seu texto pode levar meses ou anos para ser publicado. A pressa prejudica a qualidade do texto.

É constrangedor, e afeta todo o trabalho, o fato de o leitor encontrar erros crassos num material publicado. Sendo o

---

24 “Falar ou escrever é uma ‘luta’ com os recursos lingüísticos porque, vindo carregados de suas memórias, ainda assim se tornam maleáveis na singularidade do evento discursivo. Trata-se, portanto, de construir com recursos ‘imperfeitos’ algum sentido, que não se reduz à unidade. Do ponto de vista da produção, nesta luta vã, o máximo que conseguimos é deixar rastros a serem manuseados pelo leitor, sem que possamos delimitar o que cada um de nossos traços consegue fazer emergir. Se do ponto de vista do funcionamento da linguagem qualquer dos seus usos sempre traz em si processos de (in)determinação, do ponto de vista do trabalho lingüístico, é possível apontar dois pólos: aquele que explora os recursos lingüísticos para produzir um fechamento de sentidos e aquele que explora a característica própria desses recursos para aumentar as possibilidades de sentidos. De um lado o trabalho lingüístico pragmático e referencial; de outro lado, o trabalho lingüístico estético da poesia e da literatura”. (GERALDI, 2002, p. 4-5).

texto passado e repassado por revisores, a probabilidade de se encontrem “problemas” é bem menor, quase improvável<sup>25</sup>.

No campo experiencial, este autor/revisor teve o seu primeiro livro publicado a reboque, muito por uma vontade ingênua de achar que a obra não precisaria de nada além da revisão ortográfica e de um olho curador – no caso, o editor que cumpria duas funções, de edição e da logística de uma pequena editora. Depois de uma quantidade razoável de impressões, constataram-se cerca de dez erros, de diagramação e ortografia. O ímpeto foi de recolher aqueles brotos espalhados – lógico, uma tarefa irrealizável –; no máximo, se se conhecer um ou outro leitor, faz-se uma *errata* para se desculpar dos equívocos – afinal, o leitor despendeu tempo e dinheiro.

Após estudos e conversas com colegas da área, este escritor/revisor convenceu-se de que precisaria de uma refinação maior. Para o livro seguinte, foram feitas dezenas de revisões para a escolha de termos e palavras – o que cabe, prioritariamente, ao autor. Depois, encaminhou-se o material para a leitura crítica de duas pessoas – contando com a escritora que elaborou a orelha de apresentação do livro. Somente aí a obra chegou à etapa final, com

---

25 “Em termos mais amplos, é fundamental compreender que a tarefa de revisar um texto literário desloca o profissional da revisão para o território da crítica, transformando o revisor num crítico privilegiado, uma vez que seu contato com a obra ocorre no primeiro estágio da criação, aquele em que o texto existe apenas para um número limitado de leitores, antes da publicação – ou antes mesmo de chegar à editora, onde passará por outros processos de leitura”. (PERPÉTUA; GUIMARÃES, 2010, p. 196).

a editora, que também leu e ponderou modificações.

A comunhão de esforços proporcionou segurança. Na prova final, restaram pequenos ajustes – e, caso fosse impresso sem eles, não afetaria o trabalho –, como o dimensionamento de título dos capítulos e vírgulas das quais se podia prescindir.

Seria leviano cogitar que a obra perdeu a sua essência por ter passado por várias mãos. Todos os revisores deram sugestões sensíveis, tais quais a mudança de oração para a voz ativa, que, de fato, engrandeceram a narrativa, posicionando a cadência para combinar com as demais frases.

O revisor literário é um exímio leitor, parceiro capacitado e engajado, pois que além das possibilidades programáticas, de regras ortográficas, tem a estatura de uma compreensão prática, medular, cultural e estética<sup>26</sup>. Eis a suma questão.

## 9 ATOS E FATOS DA REVISÃO LITERÁRIA

Não é plausível pensar, agora, que o autor possa alcançar os seus objetivos exercendo sozinho as funções de revisor e avaliador, mantendo o necessário distanciamento. É obrigação do autor revisar – muito! –, mas sempre carecerá da parceria, da

---

26 “Significa dizer que o revisor de um texto literário não é exclusivamente um técnico que conhece regras de escrita e modos de construir coerentemente um texto. Também significa que não se trata apenas de alguém que conhece gêneros literários e sabe reconhecê-los e utilizá-los. Trata-se essencialmente de um leitor que convive com a literatura do ponto de vista cultural e estético”. (PERPÉTUA; GUIMARÃES, 2010, p. 198).

criticidade imparcial de um revisor de texto literário. Vive-se o tempo propício para o trabalho em conjunto. Isso é bom para a afinação dos processos e procedimentos.

O autor firmará uma parceria muito além de um negócio – ainda que o seja, numa ínfima parte –, compreendendo que haverá proveitos e aprendizados, para um desígnio comum. A afinidade, portanto, é o mote, a liga. Assim, a revisão fruirá em tempo razoável, sem maiores enteveros – e o tempo, pensando no revisor, que geralmente é um prestador de serviço, é o que se deve controlar para a obtenção de novos trabalhos.

Revisor e autor devem ter liberdade para apontar sugestões e perspectivas de melhorias – já que as visões podem se contrapor –, respeitando as competências e os trabalhos desenvolvidos<sup>27</sup>. Há ganhos mútuos, para apresentar ao leitor, o público final, um excelente resultado – considerando que não há livro acabado nem perfeito.

---

27 “Lígia reforça a necessidade de interação entre o revisor e o autor, assim como o respeito a este, ao se posicionar sobre neologismos e mudanças linguísticas e dizer que se considera ‘tolerante’ em relação a esses aspectos, atribuindo isso à sua formação na pós-graduação. Entretanto, reconhece que se ‘preocupa muito com a adequação da linguagem ao gênero discursivo e aos interlocutores de cada texto que revisa’, por isso sempre sugere ‘aos autores que não sejam ‘criativos’ demais no manejo da língua ao escreverem, por exemplo, para a esfera acadêmica ou outras esferas que exigem um padrão de maior formalidade’. Para Lígia, ‘esse cuidado do revisor ajuda a preservar a face do autor’. Com isso, ela chama a atenção para o respeito que o profissional deve ter com o autor, o que pode ser concretizado nas estratégias interativas utilizadas nos momentos de discussão do texto, as quais necessitam que haja abertura por parte tanto de um quanto de outro, já que, como diz Lígia, alguns problemas e algumas lacunas identificados pelo revisor se devem também à falta de conhecimento do revisor em determinada área e não apenas a deslizes do autor”. (OLIVEIRA, 2016, p. 81).

Ainda nessa senda, compete ao revisor ter ciência dos pontos que são caros ao escritor. A intenção é, também, no sentido de otimizar o tempo. Se se sabe que o autor tem predileção por começar as frases com pronome oblíquo, é preferível que não se alonguem em discussões baldadas. E o autor pode se adiantar e reiterar que conhece o suposto dilema ortográfico, mas pretende deixá-lo como está. Isso evitará deslizes e trabalhos cíclicos, que não contribuem para o que se quer.

Se houver muitas fases de revisão, numa editora ou por disposição do autor, é recomendável que o escritor apresente uma lista concisa acerca dos pontos que pretende preservar. Como ocorre nas universidades – que, embora com as normas da ABNT, orientam especificidades para a revisão do trabalho final –, o autor deve indicar ao revisor o que lhe é válido e imexível.

Quando se fala em relatório prévio, não se quer padronizar uma lista; os envolvidos precisam conhecer as diretrizes. Por exemplo, não toca ao escritor ditar o método de correção, a ponto de esvaziar as possibilidades. Sendo assim, o revisor poderá se desincumbir da revisão, e o autor terá de se contentar com a perda de uma parceria – ou até da rejeição de uma proposta da editora, dadas as incompatibilidades.

É de bom alvitre, antes da revisão, que o escritor escute um leitor qualificado, não profissional. Como se faz entre os parceiros escritores, quer-se, comumente, saber a opinião de um autor experiente, e isso se dá por afinidade, de modo natural.

Quanto ao revisor literário, não é de bom tom que saia, ao bel-prazer, excluindo “sonhos”, como se o texto estivesse errado – sob a sua percepção. Pode ocorrer de, ainda de modo prematuro, fecharem-se as portas da parceria.

Pensa-se que o revisor precisa oferecer sugestões sobre maiúsculas, que podem ser tidas como triviais por um leitor menos atento. Nada escapa à sobriedade.

Exemplos disso são Valter Hugo Mãe, que em parte de sua jornada literária escrevia as letras em formato minúsculo, por uma crença de que não se podia atrapalhar o ritmo e a fluidez da escrita: “As pessoas não falam com maiúsculas”<sup>28</sup>, e Virginia Woolf, que possuía um modo peculiar na pontuação e na cadência, amparada pelo fluxo de consciência<sup>29</sup>; nota-se que cabe ao revisor

---

28 “Há sempre dois momentos na paginação de um texto de valter hugo mãe. Primeiro, alguém repara que o nome está indevidamente escrito com maiúsculas e põe tudo em caixa baixa. Depois, alguém presume que está gralhado e repõe as caixas altas. É um *busilis* para gráficos e revisores. Mas o aparente desprezo do escritor, que agora regressa com um novo romance, a *máquina de fazer espanhóis*, pelas maiúsculas não tem nada de pessoal. É antes uma questão literária, de ‘limpeza formal do texto’. valter hugo mãe acha que as maiúsculas são uma ‘sinalética’ que só atrapalha a leitura. ‘Simplificando, sintáctica e graficamente, chegamos a uma escrita mais próxima do modo como falamos’, justifica. ‘As pessoas não falam com maiúsculas’”. (NUNES, 2010, *on-line*).

29 “A inglesa prosseguiu na escrita, tanto na vertente romanesca como em termos de ensaios, granjeando sucesso em ambos os campos. Os traços do modernismo que vigorava no início do século eram notórios nos seus trabalhos, estando entre eles a consideração das linhas estruturais do pensamento humano e a rutura com as correntes predecessoras, alicerçando os seus trabalhos com o recurso a figuras de estilo socialmente corrosivas e a apologia do progresso social. No entanto, o conceito que mais se fez denotar na sua obra foi o fluxo de consciência, destinado a expor a corrente complexa do pensamento humano e as associações de ideias e de impressões inerentes a este. A autora rebusca estes valores da literatura russa

levá-las em máxima consideração, para não prejudicar o estilo e a sua voz narrativa – que se quer marcar.

O revisor literário exerce uma função delicada, sensível, que exige bastante tato<sup>30</sup>. No que concerne ao escritor, tem de estar aberto e entregue; permitir-se à escuta, ponderar, porque a construção demanda consciência e ânimo.

Nota-se que há renomados escritores com exigências para a execução de seu trabalho, e uma delas é o seu *staff* pessoal, para que se sinta “em casa” e consiga se liberar em pensamentos. Se couber, a editora pode aventar um revisor de sua confiança.

Vale trazer à baila o *modus operandi* hodierno para a eficiência do processo de revisão. Estima-se a interferência, em esfera global, das restrições sanitárias em razão da covid-19, que tem fomentado, em todos os níveis, a conexão digital.

Para integrar a jornada, o revisor deve estar familiarizado com as ferramentas disponíveis, os processadores, como o *Word*, da *Microsoft Office*. Nele existe uma gama de opções para a simplificação: comentários, controle de alterações, espaçamento

---

que tanto apreciou e inspirou autores sucessivos, tais como Simone de Beauvoir, na aplicação destas perspectivas nas suas criações textuais. No entanto, a intensidade lírica e o virtuosismo estilístico que as suas linhas transmitem proporcionam ao leitor uma experiência quase única, desencadeando sensações auditivas e visuais como poucos. Este experimentalismo literário e espontâneo é um recurso que fez da inglesa uma mulher de armas únicas numa visão cultural”. (BRANDÃO, 2017, *on-line*).

30 “Então, embora seja um mercado possível, a revisão do texto literário não costuma ser a atuação mais comum de revisores/as autônomos/as. No entanto, se houver chance, demandará do/a profissional conhecimentos, comportamentos e procedimentos sensíveis a um campo cheio de especificidades e peculiaridades, como apontam diversos trabalhos acadêmicos”. (RIBEIRO, 2021, p. 155).

entre linhas, justificação e outras tantas, igualmente importantes. Aqui, falarei das principais.

Numa escala de uso, os comentários estão bastante presentes em trabalhos dessa ordem. No comentário, o revisor pode orientar e explicar um ajuste. Mas sempre em boa medida: não pode entupir o texto de comentários aleatórios ou irrelevantes, caso contrário, as marcações geram dúvidas e quedam truncadas.

É importante que o revisor assinale a opção “controlar alteração” e faça uso de indicações para inclusão ou exclusão de pontuação, letras ou palavras. Por cortesia, não é aconselhável que o revisor assinale a supressão de expressões longas; para isso, deve usar os “comentários”, justamente para não determinar o que é certo ou errado – ao revisor e ao escritor não compete serem os donos da verdade, mas de suas verdades, que podem ser externadas com parcimônia e respeito ao texto e ao trabalho de ambos.

Engrandece o mister do preparador acusar, no texto, referências e recursos de outros autores, que podem ser aproveitadas. Reflete o cuidado com a prosa, se o revisor usar, sem restrições, a sua memória de leitura, trazendo para o autor imagens ou percepções bem-sucedidas de outros.

O revisor pode dizer ao autor da obra revisada que Machado de Assis usava o recurso do vocativo, referindo-se, no feminino, à leitora: “Minha cara leitora, [...]”<sup>31</sup>. Isso tem a justificativa do

---

31 “A minha tese sobre o Machado é que ele usa da poética da dissimulação. O público

contexto à época, marcado pelo público leitor majoritariamente feminino e pela adesão aos folhetins, das leituras de uma elite branca, para a qual Machado de Assis devia se dirigir, pois que, do contrário, correria o risco de não ser lido.

Em suma, não é adequado que o revisor se debruce sobre um texto, aponte incongruências e nenhuma saída. O autor poderá ficar confuso e melindrado: “O que esse revisor fez com o meu amado texto?”. É como se um responsável escutasse o choro de um bebê e dissesse ao outro: “Vá lá, resolva!” ou “Toma que o filho é teu!”.

Aos que amam as letras, que seja a arte o fim e a perfeição.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Ev'Angela Batista Rodrigues de. Multifaces da formação acadêmico-profissional do revisor de textos. In: RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio (Org.). *No ritmo do texto*. Divinópolis: Artigo A, 2019.

BRANDÃO, Lucas. *Os fluxos da consciência de Virginia Woolf*. Disponível em: <<https://comunidadeculturaearte.com/fluxos-de-consciencia-de-virginia-woolf/>>. Acesso em: 07 abr. 2022.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Escrever ficção: um manual de criação literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

---

leitor dele era branco. Um recenseamento pedido por Dom Pedro II em 1872 mostra que 84,2% da população era analfabeta. Havia 14,8% da população que sabia ler. Quem eram? A elite branca. Quem é que comprava os jornais, as revistas? As mulheres principalmente, sobretudo as filhas, as sinhás. Machado publica no jornal das famílias, daí a expressão no início de muito de seus textos: ‘Minha cara leitora, minha cara senhora’”. (GARCIA, 2019, *on-line*).

COSTA, Bianca Albuquerque da. *A imagem e o discurso poético: uma análise de A arte como procedimento*, de Victor Chklovski. Disponível em: <[http://www.revistazunai.com/ensaios/bianca\\_albuquerque\\_da\\_costa\\_victorchklovski.htm](http://www.revistazunai.com/ensaios/bianca_albuquerque_da_costa_victorchklovski.htm)>. Acesso em: 22 abr. 2022.

COSTA, Sérgio Roberto. Gêneros discursivos e textuais: uma pequena síntese teórica. *Recorte Revista de Linguagem, Cultura e Discurso*, Três Corações, ano 3, n. 5, p. 1-11. jul./dez. 2006.

FALERO, José. *Os supridores*. São Paulo: Todavia, 2020.

GARCIA, Cecília. *Machado de Assis negro e a escrita como capoeira literária*. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2019/08/19/machado-de-assis-negro-e-sua-escrita-como-capoeira-literaria/>>. Acesso em: 01 abr. 2022.

GERALDI, João Wanderley. Leitura: uma oferta de contrapalavras. *Educar*, Curitiba, n. 20, p. 77-85, 2002.

GUEDES, Leticia Figueiredo. *Revisão de textos: conceituação, o papel do revisor textual e perspectivas do profissional do texto*. Disponível em: <[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7265/1/2013\\_LeticiaFigueiredoGuedes.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7265/1/2013_LeticiaFigueiredoGuedes.pdf)>. Acesso em: 07 abr. 2022.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. Tradução Janaína Marcoantonio. 44. ed. Porto Alegre: L&PM, 2019.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27-43, jan./jun. 2004.

NUNES, Maria Leonor. *As grandes minúsculas de valter hugo mãe*. Disponível em: <<https://visao.sapo.pt/jornaldeletras/jornalletrasforum/origami/2010-01-24-as-grandes-minusculas-de-valter-hugo-maef545016/>>. Acesso em: 07 abr. 2022.

OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. *Revisão de textos [recurso eletrônico]: da prática à teoria*. Natal: EDUFRRN, 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Texto e Discurso. *Organon*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 111-118, 1995.

PERPÉTUA, Elzira Divina; GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. *A revisão do texto literário: um trabalho de memória*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 195-204, 1º sem. 2010.

REQUIÃO, Renata Azevedo. Na literatura (como na arte), a experiência do viver com: algumas passagens. *Revista Paralelo 31*, Pelotas, ed. 01, p. 108-127, dez. 2013.

RIBEIRO, Ana Elisa. Outras margens da revisão de textos: experiências com o literário. *Gutenberg - Revista de Produção Editorial*, Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 150-167, jan./jun. 2021.

SALINGER, Jerome David. *O apanhador no campo de centeio*: Jerome David Salinger. Tradução Caetano W. Galindo. São Paulo: Todavia, 2019.

SANTOS, Adriano Barreto Espíndola. *Em mim, a clausura e o motim*. Guaratinguetá: Penalux, 2021. 216 p.

SPALDING, M.; BOENAVIDES, W. M. Os limites para a revisão do texto literário a partir dos conceitos de autoria e estilo de Bakhtin. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. Port. 113–130 / Eng. 113, 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/25830>>. Acesso em: 4 abr. 2022.

TCHÉKHOV, Anton Pávlovitch, 1860-1904. *Sem trama e sem final: (99 conselhos de escrita)*. Tradução do italiano, do russo e notas Homero Freitas de Andrade; seleção e prefácio de Piero Brunello. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019. 112 p.

VARELLA, Drauzio. *Na colônia penal do czar*. Disponível em: <<https://www.quatrocinco.com.br/br/resenhas/1/na-colonia-penal-do-czar>>. Acesso em: 04 abr. 2022.

VAZ, V. Em Defesa do Insólito: Victor Chklóvski e Guimarães Rosa. *RUS*, São Paulo), [S. l.], v. 3, n. 3, p. 44-52, 2014. DOI: 10.11606/issn.2317-4765.rus.2014.88701. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rus/article/view/88701>>. Acesso em: 4 abr. 2022.

FOLHA ON-LINE. “*Carrie, a Estranha*”, primeiro romance de Stephen King, volta às livrarias. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u3943.shtml#:~:text=Desde%20que%20se%20formara%2C%20o,los%20para%20uma%20pequena%20editora>>. Acesso em: 4 abr. 2022.